

# RADAR

SAÚDE ■ FAVELA

edição 25

Set | Out 2023

EDIÇÃO  
ESPECIAL

Conferência Livre de  
Saúde das Favelas e  
Periferias da Região  
Metropolitana do  
Rio de Janeiro:

Favelas e Periferias  
pelo Direito à Vida  
e em Defesa do SUS



Ministério da Saúde

FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz

Coordenação de Cooperação Social

Foto: Fábio Monteiro

# APRESENTAÇÃO

No dia 03 de junho de 2023, numa manhã de sábado, com um auditório lotado, ocorreu na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), a Conferência Livre de Saúde das Favelas e Periferias – RJ. A conferência teve como tema “Favelas e periferias pelo Direito à Vida e em Defesa do SUS”. O evento visou debater e potencializar articulações em torno do direito humano à saúde e à vida, a partir da perspectiva da favela e das periferias.

A organização da conferência nasceu da mobilização de diversas organizações que atuam em torno da promoção da saúde nas favelas e periferias: o Cebes (Centro Brasileiro de Estudos de Saúde), Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste, Educap (Espaço Democrático de União, Convivência, Aprendizagem e Prevenção – Complexo do Alemão), Redes da Maré, Organização Mulheres de Atitude de Manguinhos, Jornal Fala Manguinhos, Portal Favelado, FPVP-RJ (Fórum de Prés Vestibulares Populares do Rio de Janeiro), Espaço Gaia São Gonçalo, FAFERJ (Federação das Associações de Favelas do Rio de Janeiro), Levante Popular da Juventude, Movimento Popular de Favelas, CEDAPS (Centro de Promoção da Saúde), Instituto CASA, Movimento Mulheres Vivas Zona Oeste e Fórum Favela Universidade. Ao longo do processo organizativo outras instituições e organizações foram se somando.

O evento contou com o apoio da Fiocruz, através da Coordenação de Cooperação Social da Presidência da Fiocruz, a partir do projeto de Promoção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis em Centros Urbanos (PTSSCU) e do projeto Radar Saúde Favela; do Sindicato dos Trabalhadores da Fiocruz (ASFOC-SN); da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (Ensp/Fiocruz). E também com o apoio do Pré-Vestibular Social do Sintuperj.

Esta edição especial do Radar Saúde Favela apresenta um registro das falas e intervenções ocorridas durante a conferência, além de um registro fotográfico. O tom oral das falas foi mantido e apenas em circunstâncias onde o texto fica incompreensível ele foi editado, no sentido de preservar o entendimento das falas.

# CONFERÊNCIA LIVRE DE SAÚDE DAS FAVELAS E PERIFERIAS DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

FAVELAS E PERIFERIAS  
PELO DIREITO À VIDA E  
EM DEFESA DO SUS

EDIÇÃO  
ESPECIAL







Lúcia Solto

Foto: Fábio Monteiro



# LÚCIA SOLTO,

Médica sanitarista, pesquisadora da Fiocruz e presidenta do Centro Brasileiro de Estudos da Saúde (Cebes).

*Esse é um momento de uma alegria extraordinária pra essa reconstrução e transformação do Brasil. Nós estamos nesse momento, com uma expressão desse momento que são 106 conferências livres que estão existindo nesse momento no Brasil, mostrando a vontade, o desejo e a força da população brasileira. Se não fosse essa organização, essa juventude espetacular... Vocês são maravilhosos, isso honra a tradição de luta da população brasileira. Eu morei 8 anos na Baixada Fluminense, estou vendo aqui pessoas desse momento de luta, o povo brasileiro é um povo de luta.*

**É mentira que o povo brasileiro não luta e que é acomodado. Isso é uma grande mentira. Nós organizamos coisas incríveis nesse país.**

*E esse povo ganhou a eleição com o presidente Lula, porque se não fosse essa organização, podem estar certos, nós não teríamos resistido à operação eleição da grana, do dinheiro, do poder econômico, dessa gente que quer, com meia dúzia de milionários, pautar a agenda do mundo.*

**Nós temos direito de construir outro país.** E isso nós estamos fazendo. Lá nas periferias, nos nossos territórios, (...) os povos indígenas, a questão ambiental, saúde e ambiente estão intimamente ligados à catástrofe sanitária que o Brasil viveu. Esse verdadeiro desastre que essa população viveu sofredamente, está correlacionado com isso. Então esse é um momento que expressa que nós não estamos parados. Estamos agora construindo no Ministério da Saúde e nós vamos lançar na 17ª Conferência Nacional de Saúde **o Mapa Colaborativo dos Movimentos Sociais em Saúde**, para que possa dar visibilidade como sujeito político do povo brasileiro. Parabéns pela organização.

# BIANCA MANTOVANI,

Coordenadora de Formação e Comunicação Sindical do Sintuperj.

*Me chamo Bianca e vou tentar falar sem me emocionar porque ver esse auditório cheio sempre é muito bom. Aqui acontecem aulas do nosso pré vestibular social, que esse ano vai fazer 25 anos, e eu tenho a honra de estar como Coordenadora de Formação do Sintuperj e represento aqui a direção geral do nosso sindicato. Complementando a fala da companheira, que faz voz quem quer ter voz. Eu quero lembrar a todos, como falei ontem aqui numa oportunidade, isso é uma questão de decisão.*

***Vocês decidiram hoje estar aqui e participar desse movimento. Vocês decidiram estar hoje aqui e acordar cedo e virem participar de um momento de voz. E é isso que a gente tem que sempre lembrar, que a gente tem voz a partir do momento em que a gente decide. E nós temos essa oportunidade a partir do momento em que a gente realmente cria essa oportunidade. Eu poderia estar em casa dormindo, mas em vez disso eu estou aqui.***

Day Medeiros

Foto: Fábio Monteiro



# DAY MEDEIROS,

professora, cofundadora do Instituto Casa, localizado na favela do Aço em Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro.



*Vou me apresentar. Eu sou a Day Medeiros, sou mãe da Marina (que não está aqui hoje), sou a dinda do Gabriel que está lá atrás, sou professora e fundadora do Instituto Casa, localizado na favela do Aço em Santa Cruz.*

*Hoje eu venho representar a comissão organizadora a Conferência Livre de Saúde 2023 das favelas e periferias do Rio de Janeiro. E com esperança na luta, gostaria de dizer que me sinto representada e representando aqui as mulheres periféricas, trabalhadoras, mães solo, ativistas da Zona Oeste e os profissionais da educação. E por falar em educação, resalto aqui o meu apoio aos professores do estado do Rio de Janeiro que mantiveram a greve do ensino, reivindicando o piso nacional e denunciando o pior salário da classe no Brasil.*

*Aproveito a oportunidade da fala como integrante do Movimento Mulheres Vivas Zona Oeste, parceira da Teia de Solidariedade e das Josefinas Colab, para prestar meu carinho e afeto à Soninha Nascimento, que é conselheira de saúde da AP5 e total repúdio ao ato de racismo cometido contra ela pelo presidente do conselho da AP4, na conferência estadual de saúde, realizada aqui na UERJ, no último dia 27 de maio. Diante do crime de racismo, fica evidente a incapacidade do Doutor Cláudio Maciel Pinheiro de servir ao povo que depende e tem direito ao acesso de qualidade ao sistema único de saúde.*

*E foi por esse caminho, que debruçando sobre o SUS e pautando a falta de representatividade nos espaços de poder e de manutenção das desigualdades que nasceu esta conferência onde nos reunimos hoje. Através da interlocução da FIOCRUZ com diversas organizações populares que movimentam ações, pesquisas, debates e estratégias em torno do tema ‘promoção da saúde nas favelas do Rio de Janeiro’, nos últimos anos, essas organizações se fortaleceram e se articularam em*

rede, atravessadas por um governo antidemocrático, que negou a ciência, a cultura e a educação.

**Como muitos movimentos sociais no Brasil, a maioria de nós enfrentou uma linha de frente pela garantia da saúde alimentar, do acesso a recursos de proteção e à informação, durante a pandemia de Covid-19. O trabalho dessas organizações é permeado pela defesa dos direitos à vida e à saúde, a partir das diferentes realidades de seus territórios, tendo em comum a força da luta coletiva contra a ausência de políticas públicas efetivas para a vida digna da nossa população.**

A construção da programação de hoje ressalta a importância dos movimentos populares que nos antecederam, dos movimentos que faremos parte e das instituições comprometidas com o bem viver das favelas e das periferias, para reafirmar a reconstrução do Brasil e do estado do Rio de Janeiro. Estamos reunidos agora, engajados na luta pelos direitos básicos da população favelada e periférica, que seguem sendo assolados pelo racismo sistêmico enraizado em todas as nossas estruturas sociais, são elas: a educação, a saúde, a mobilidade urbana, a cultura e a segurança pública, que são programados pelas políticas de morte para atacar o povo pobre e negro nas favelas e periferias, assim como os povos indígenas por todo o Brasil.

Por fim, gostaria de agradecer a todas, todos e todes presentes aqui. Um salve para a Zona Oeste e para a Baixada ocupando esse espaço. Obrigada às mais velhas por conduzirem até aqui e aos mais novos que estão se dispondo a continuar a luta. Desejo que saíamos daqui hoje afetados pela troca e pela potência do que é a nossas favelas e a nossas periferias. Saúdo todos com um grito de guerra que me lembra o porquê de estamos aqui:

**“TUDO NOSSO, NADA DELES,  
DEPOIS DE NÓS É NÓS DE NOVO!”**



Adriana Veridiana

Foto: Fábio Monteiro



# ADRIANA VERIDIANA,

## Coletivo As Mariamas

Nós somos o coletivo As Mariamas, lá da periferia, lá de Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Eu quero agradecer, primeiramente, a Deus para quem acredita, às Deusas, muito axé, muita luz. O que importa é a diversidade. É muito importante falar sobre saúde. Falar sobre saúde é algo que requer respeito e que a gente possa realmente lutar pelos nossos direitos, enquanto pretos e favelados, porque a maioria das pessoas que estão na periferia são de pele preta. E não é uma questão de segregar, mas uma questão de direito e de luta, porque lá atrás nós fomos proibidos de fazer muita coisa. Até mesmo de usar as ervas, que é uma coisa nossa, que tem a ver com saúde. Então, o que a gente faz aqui hoje é uma pequena performance para estar lembrando das nossas benzedadeiras, das nossas mais velhas. O coletivo Mariamas tem gente de diversas idades, mas uma das coisas que a gente valoriza são as nossas mais velhas. Nossas mais velhas que hoje, falando também dos mais novos, muitas das nossas mais velhas já criam os seus netos!

**(...) Cuidar da saúde é cuidar da nossa cultura, é cuidar do nosso território, é lutar pelos nossos direitos e não aceitar que decidam por nós aquilo que nós sentimos.**

Salve Santa Cruz!

Eu quero que vocês guardem toda a energia do nosso povo indígena, do nosso povo preto, dos quilombos. Que a gente possa estar lembrando disso tudo nesse momento de falar sobre saúde, porque saúde tem que caber todos, todas, todes, sem discriminação, sem preconceito, sem racismo.

**“Chama a favela pra lutar  
A periferia pra lutar  
Porque a luta é grande”**

# LARISSA FALCÃO,

Militante do Levante Popular da Juventude, moradora de São João de Meriti, Baixada Fluminense, e estudante de Ciências Sociais.

*Se meu corpo não grita, tô saudável!  
Mas e quando insisto em gritar?  
A violência que nos mata e a vida como privilégio!  
É hora de mudar!  
E é aí é que a gente se enxerga e observa o que na saúde há...  
Não é ausência de doença, é ter condições pra lutar!  
É ter casa para estar seguro,  
É saber que pode se alimentar!  
Bom dia, Conferência de Saúde!*

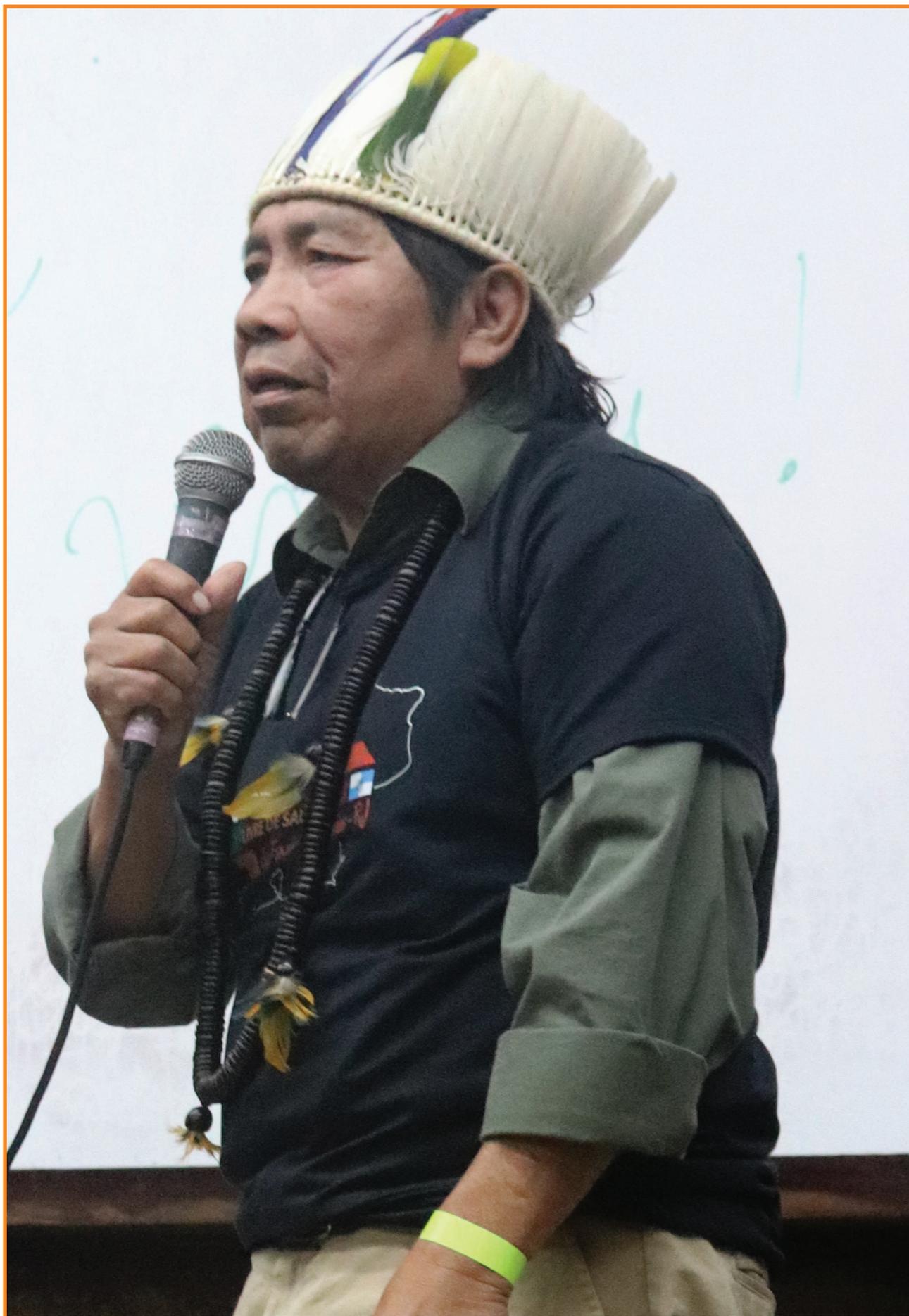
*Meu nome é Larissa Falcão, sou militante do Levante Popular da Juventude. Sou de São João de Meriti, da Baixada Fluminense. Sou estudante de ciências sociais e eu vim aqui dizer que nós periféricos, pretos, que vêm de espaços desde sempre excluídos... gostaria de dizer que é muito importante a nossa presença aqui, em um espaço como esse, para pensar e pautar essa cidade.*

***Queria dizer que a juventude está presente na luta em prol da saúde e do SUS. Dizer que a gente precisa falar de saúde, falar de saúde é falar de ancestralidade, do nosso chão, do nosso povo. Muito obrigada pelo convite, estou super emocionada.***

*A saúde é nossa  
O sus é do povo  
É só lutando que se faz  
Um Brasil novo*

Carlos Tukano

Foto: Fábio Monteiro



# CARLOS TUKANO,

povo Tukano. Presidente do Conselho Estadual dos Direitos Indígenas do Rio de Janeiro. Morador da Baixada Fluminense, no município de Duque de Caxias.

(Inicia sua fala com uma saudação em sua língua nativa/mãe.)

*Estou dizendo que eu vim de longe, das florestas da Amazônia e grandes rios e igarapés, de grande quantidade de animais. Passados que foram devastados, destruídos. Mataram todos. Não deixaram nada. Deixaram só tristeza.*

***O que o nosso avô do universo criou, não foi pra nós, é dele. Ele só nos deixou para a gente cuidar do que ele criou, não é nada nosso... Para cuidar do nosso bem estar, para nossas vidas, para nossas gerações e gerações. Mas isso não foi respeitado, foi invadido. E nós pagamos com nossas próprias vidas.***

*Então, eu me chamo Carlos Doethyró Tukano. Atualmente sou presidente do Conselho Estadual dos Direitos Indígenas do Rio de Janeiro. E nós somos aqui no Rio de Janeiro 9 mil indígenas na cidade e no estado do Rio de Janeiro. Em todo país somos um milhão e meio, 306 etnias, 276 línguas diferentes e a maioria se concentra na Amazônia.*

*Nós estamos aqui, eu estou aqui, para desconstruir a imagem do índio selvagem, índio preguiçoso, índio bravo, índio canibal. Eu venho para mostrar pra vocês a minha contribuição, a nossa capacidade, de que somos gente boa, somos cidadãos capazes de nos ajudar uns aos outros através dos nossos costumes, através da nossa língua, através da nossa ciência e através do nosso olhar cosmológico. Então, nós não somos seres selvagens como vocês imaginam. Estou aqui para desconstruir este estereótipo dos povos chamados indígenas, hoje conhecidos como povos originários.*

*Esses dias eu fiquei muito triste de o governo federal ter tirado os*

*poderes da ministra Sônia Guajajara, da demarcação das terras indígenas, passando para o Ministério da Justiça. Eu fiquei triste porque a PL 490 é um perigo para nós, é a continuação da destruição. Esperamos que não passe no Congresso. Estou aqui justamente para defender os nossos interesses, eu sou como um porta-voz, como um embaixador, um chanceler do Povo Tukano. Então, essa é a minha voz, que eu trago, participando deste lindíssimo diálogo que vocês estão abrindo, mostrando os saberes, as capacidades sobre como defender a sua vida, a sua terra, a sua propriedade, onde jaz os seus cordões umbilicais enterrados.*

*E hoje estou aqui, ao lado do que vocês conhecem como Baía de Guanabara, primeira parada dos nossos povos originários que se encontram na Amazônia. E aqui temos a montanha que vocês chamam de Pedra da Gávea, é casa, ambiente de transformação nossa. E Serra dos Órgãos, casa de transformação, casa de saberes, casa dos pajés. Eu sou neto dos grandes pajés, benzedores, grandes cantores, danças, ritmos, rituais do nosso grande criador. Todos os dias eu peço a ele pela minha vida e pela sociedade, que possa aprender a respeitar os povos originários de igual para igual, não olhar eles de cabeça pra baixo e sim olhar como irmão, como pessoa, como ser digno de liberdade.*

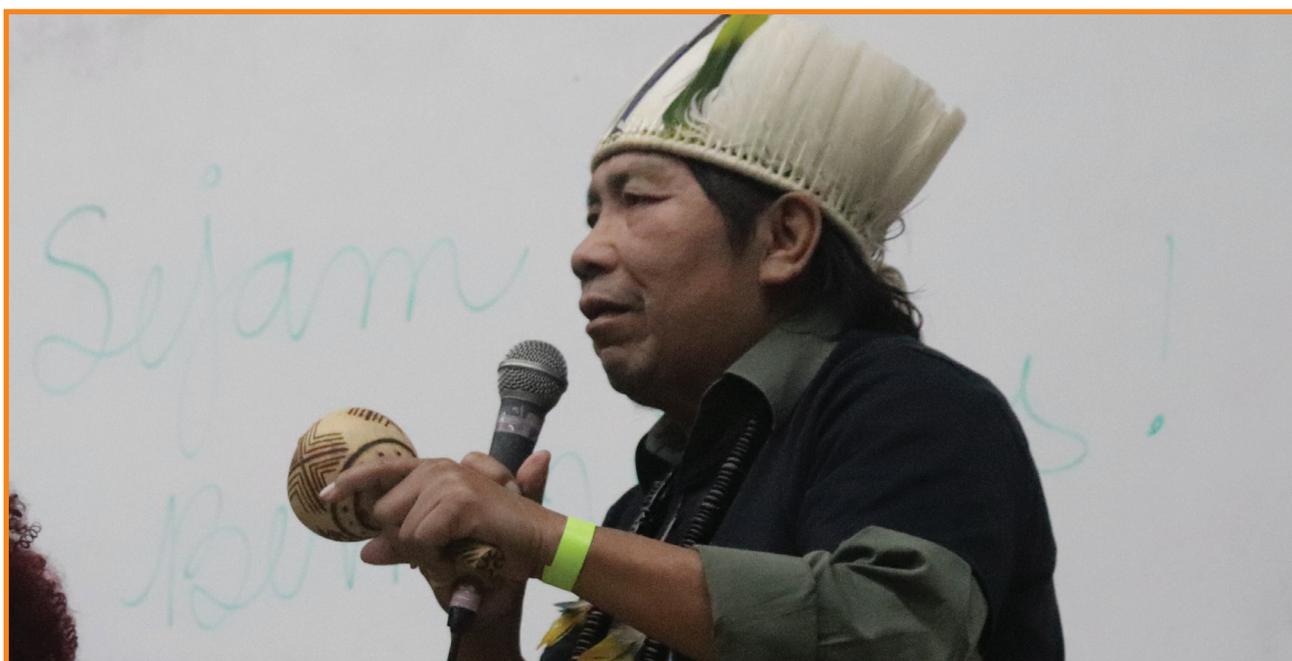


Foto: Fábio Monteiro

***Eu, vindo da Amazônia, eu vim parar na Baixada Fluminense, aqui no município de Duque de Caxias. Foi dito na época da covid que a prioridade de vacinação era dos idosos e dos povos indígenas. Aí foi questionada a Secretaria de Saúde do município de Caxias se não tinha índio na Baixada. Aí, uma senhora que me conhece muito bem, disse: perto de mim mora um cacique, procura lá. na Baixada temos de 600 a 800 indígenas no município de Caxias e eu fiz aqui o trabalho da oficina de conscientização indígena. Somos quase um milhão e meio em todo o país, em todo o território nacional.***

*Então, essa é a mensagem que eu trago pra vocês, de paz, de alegria, de confraternização. Muito contente de estar aqui, representando o povo originário.*

Foto: Fábio Monteiro



**CELESTE ESTRELA**

Foto: Fábio Monteiro



# CELESTE ESTRELA,

poeta, escritora, moradora de Manguinhos.



*Bom dia a todos! Eu sou Celeste Estrela, moradora de Manguinhos. Sou poeta, escritora e hoje eu vim mostrar também as minhas coisas a vocês, falar um poeminha a vocês: (vou levantar, em pé é bem melhor!)*

*Sem faculdade*

*Estava distraída, pensamentos perdidos*

*Celular me despertou, me perguntando:*

*Aonde você fez faculdade?*

*Como sempre, né*

*Não tinha o que responder*

*Não fiz, mas sei escrever, vamos lá*

*Às vezes eu penso que eu não fiz nada na vida*

*Porque o que eu fiz, está feito*

*Primário, admissão*

*Hoje digo Ensino Médio*

*Comecei com 14 anos a pilotar o fogão da madame*

*Ajoelhada no chão, a cera passando*

*Escovão na mão, o chão brilhando*

*Barriga no tanque, barriga molhando*

*Sabão na mão e a roupa esfregando*

*Dores fortes me fizeram sentir*

*Com fé e coragem consegui duas filhas criar*

*Com muita dificuldade*

*Dois homens que só eu amei*

*Pois eles não me amaram*

*Duas filhas que gerei*

*Por tudo que passei*

*A minha faculdade não foi igual a sua*

*Eu sei, foi sem lápis, sem caneta e sem papel*

*Até encontrar a inspiração que Deus me deu*

*E ninguém pode tirar este dom que eu tenho de escrever*

*Fui privilegiada, agora, sim, eu escrevo, eu leio para não esquecer*

*Sou uma poeta humilde, não precisei de faculdade para fazer o que eu faço.*

*(Palmas!)*

*Obrigada, obrigada!*

*Peraí, que eu vou falar esse de cor, vou lembrar...*

*Todos pra fila, gritava da porta do dormitório  
Era a madre superiora, nos chamando  
Para assistir a missa das 07:00  
Na paróquia da minha cidade  
Levantava sonolenta  
E ela gritava: todos pra fila!  
Brancos pra frente  
E negros pra trás  
No caminho para a igreja  
A fila saía da ordem  
E ela logo gritava:  
Eu já falei que é branco na frente  
E negros atrás  
Hora do recreio  
Era a hora que eu gostava  
Pois todo mundo se juntava  
Sem o olhar de censura  
Ela não queria aquela liberdade  
O recreio acabava e eu pensava  
Ah, meu Deus, era a hora que eu mais gostava  
E a gente começava a cantar  
Ciranda, cirandinha, brincar de roda  
Pular corda, ela vinha tomava as cordas da nossa mão  
Todos pra dentro, todos pra dentro!  
A hora da cultura era a hora que eu mais gostava  
Cantar, dançar, decorar  
E ela perguntava pra diretora: por que ela ganha os melhores papéis?  
E a professora de teatro falava: porque ela é atenciosa, é disciplinada  
Ela aprende tudo rápido, ela é uma preta de alma branca  
Aí eu pensava, ficava triste: meu Deus, por que eu não sou branca como a minha alma,  
pra ficar na frente da fila?  
Ficava triste mas a hora do recreio chegava e tudo voltava...*

***Isso foi uma parte da minha infância, mas a poesia ficou na minha memória para esquecer todos os momentos difíceis que eu passei na vida. Hoje eu sou chamada de Estrela, admirada por todos que me rodeiam. Não precisei ser branca para ficar na frente da fila. Sou Celeste Estrela, atrás não é mais o meu lugar!***

*Obrigada! (Palmas!)*

Foto: Fábio Monteiro



*Esse aqui é o meu primeiro livro, que eu tive o prazer e a facilidade de lançar, pelas dificuldades de anos e anos de tempos atrás. Então, quero agradecer muito e mostrar a vocês o livro, quem quiser ter o prazer de ler o meu primeiro livro, compre ele antes do outro lançar e vocês vão ter que comprar (risos). Bom, então eu vou me despedir disso aqui com alegria, que está muito, muito triste, né!?! (risos) Quem vai me ajudar? É só entrar no coro:*

*Meu cabelo não é duro  
 Meu cabelo é natural  
 Tá querendo o seu igual  
 Esse rap é pra você  
 Que um dia me humilhou  
 E de cabelo duro me chamou  
 E me perguntava: qual é o pente, qual é o pente que te penteava?  
 O pente era pesado, minha mão doía  
 Minha cabeça ardia e o pensamento estourava  
 E você ria  
 Mas um dia encontrei a minha identidade  
 Caí na realidade  
 Sou feliz com meu cabelo  
 Sou feliz com a minha cor  
 Me aceito do jeitinho que eu sou*



Rafaela França

Foto: Fábio Monteiro



# RAFAELA FRANÇA,

Moradora do Complexo do Alemão. Militante da causa e do direito dos moradores de favelas e periferias à cannabis medicinal. Fundadora do Núcleo de Estimulação Estrela de Maria (NEEM).



*Um salve a todos os presentes. Meu nome é Rafaela França, eu sou moradora do Complexo do Alemão – salve o CPX! – e eu sou fundadora do NEEM, que é o Núcleo Estimulação Estrela de Maria, que nasce no Complexo do Alemão a partir da minha dor, que tenho uma filha autista e que precisa da cannabis medicinal. A partir daí, eu prometi que nenhuma criança de favela mais ia chorar do que eu chorei para conseguir a cannabis. Hoje o NEEM dá acesso à cannabis a 85 favelas do estado do Rio de Janeiro, não ficando apenas no Complexo do Alemão. Já distribuimos 1 milhão em óleo de cannabis em favelas do Rio. (Palmas!)*

*Batemos esta meta com a ajuda da fundação americana que está nos apoiando.*

***É muito importante falar aqui hoje que a maconha está presente de forma legal nas favelas, dando qualidade de vida e mudando perspectivas. Hoje a cannabis tem dado a possibilidade às pessoas de periferia reagirem melhor aos seus tratamentos e até mesmo de potencializar.***

*Obrigada, obrigada!*

*Todo mundo sabe das dificuldades do SUS. Hoje o NEEM não faz somente um trabalho com cannabis, ele faz um trabalho de promoção de saúde, dá acesso a direito a essas crianças. Todo mundo sabe o quanto é difícil uma criança ser laudada, por exemplo, com o direito de saber que é autista. Isso demora 2, 3 anos na rede. Hoje a gente tem conseguido fazer com ajuda de médicos. Já laudamos do início de janeiro até o presente mês mais de 300 crianças. Elas tiveram acesso aos laudos e aos direitos e isso é muito importante. O projeto vem trazendo quase 30 médicos, dan-*

do acesso às favelas. Temos psicólogos dando apoio às mães. Porque as minhas mães vêm com tentativas de suicídio, violência doméstica, mães solas. Então, é muito importante também o apoio psicológico.

Venho fazer uma provocação ao CAPS e ao CAPSI, ele não estão funcionando como deveriam. Eles alegam que lá não é o lugar para as nossas crianças, que estão sobrecarregados com as crianças de faixa etárias menores que são usuárias de drogas. Então, faço uma provocação a todos aqui que puderem, apoiem o CAPS Visconde de Sabugosa, ele pega uma área enorme. Pega Manguinhos, Complexo do Alemão, Bonsucesso, e ele não atende essas crianças do jeito que deveria. Pega uma área gigante e não dá acesso como deveria.

***E ainda tem os problemas dos territórios, que são dominados por facções diferentes, eu fico aqui muito a vontade de falar pois é a nossa realidade. Então, têm pessoas que não vão lá pro Piscinão de Ramos, por exemplo, porque tem medo e eu não discordo.***

Deixo uma provocação também sobre a saúde mental no Rio de Janeiro, que está sucateada. Eu criei um projeto para atender a demanda da minha comunidade, que é o Complexo do Alemão, só que hoje eu atendo 85 favelas. Como eu vou fechar as minhas portas para pessoas de outras favelas? É impossível! Essa provocação eu deixo para que todos comentem as publicações feitas pela Cap das suas regiões, que comentem lá com a Secretaria de Saúde, que a gente precisa unir forças.

Agora eu vou falar um pouquinho da causa PCD. (Pessoa com Deficiência). Quase todos aqui, a partir dos 60 anos, adquirem uma deficiência. Seja uma baixa visão, seja um problema motor. É muito importante essa conscientização da favela sobre a ciência. Eu vou falar maconha que é como chamamos em nosso território...

É possível, sim, trabalhar com maconha medicinal dentro das favelas, com promoção de saúde. E é um trabalho que nem todos poderiam saber que existe.

A gente está atendendo 85 favelas porque tem demanda, tem crianças sofrendo com epilepsia, tem crianças com autismo, tem idosos com dores crônicas que não estão conseguindo atendimento na rede, no SUS. Por que a gente não pode estar presente na Câmara Municipal para ter este direito garantido no SUS e atendendo mais pessoas? Porque se a gente for botar dentro da lógica, quem sofre mais somos nós, de periferia, de favela. Porque a nossa força braçal serve aos ricos, na Zona Sul. Então, quem vai ter mais problemas de saúde porque não tem acesso, não tem grana, somos nós. Deixo essa provocação aqui para também tirar o preconceito de vocês, que **eu sei que a gente sofre muito por conta da criminalização das drogas, mas tiremos os preconceitos em cima da erva. A erva tem muitos bens, tem ancestralidade, e pode dar muitos benefícios para nós, de periferia, de forma muito mais eficaz do que os remédios alopáticos.**

Eu quero agradecer por estar presente aqui, no lugar que mostra a força da favela. É muito importante para mim. Hoje eu venho lutando muito para ter a cannabis medicinal presente em todas as favelas do Rio. Quem puder estar assistindo, o nosso documentário está na Globo Play e está contando a minha história envolvendo a cannabis medicinal nas favelas. Eu agradeço muito, muito obrigada pelo espaço.



Sara Rúbia

Foto: Fábio Monteiro



# SARA RÚBIA,

Teia de Solidariedade da Zona Oeste e Conselheira de Saúde na Área Programática 4.0

Bom dia, sou Sara Rúbia, represento a Teia de Solidariedade da Zona Oeste. Sou conselheira de saúde na AP4 e confesso que fiquei um pouco nervosa para falar de saúde depois do que aconteceu na última semana.

**A Teia surge no início da pandemia no enfrentamento à fome. A gente tinha noção de que as pessoas precisam de comida e a gente começou a fazer campanhas para distribuição de cesta básica. Aquela que vem arroz, feijão, farinha. E logo no início a gente percebeu que aquelas pessoas, com aquela quantidade de alimento, não seriam capazes de enfrentar uma pandemia, em termos de saúde.**

A gente atendia prioritariamente mulheres pretas, mães sozinhas com crianças eram a nossa prioridade e mulheres idosas. Lugares pequenos onde as pessoas produzem, vendem alguns na porta de casa, vendem em algumas feiras. A gente tem algumas feiras agroecológicas na Zona Oeste. A gente comprava do pequeno agricultor que não estava conseguindo escoar e distribuía pras pessoas que estavam com fome e isso foi crescendo.

Das mulheres que a gente atendia, muitas não tiveram acesso ao auxílio emergencial e atendimento médico por falta de documentação. Crianças sem registro, a gente percebeu que tudo era bem maior que isso. Aí a gente começou a trabalhar com as ervas medicinais, preparamos xaropes, distribuindo, ensinando, fazendo receitas. Aprendemos com nossa matriarca Dona Helen. (Palmas) Ela estar aqui só aumenta a minha responsabilidade em como eu vou apresentar este coletivo.

Foi um período em que as mulheres pretas saíram de suas casas e foram pra dentro das comunidades trabalhar. A gente foi buscar o que o Estado não via, fizemos um mapeamento dos lugares onde estavam as pessoas mais pobres, que não tinham acesso às cestas básicas das outras campanhas, como o Rio Contra Fome.

Quando veio a vacina, a gente falou: cara, a gente tem que comunicar a essa galera o que é vacina, a gente tem que combater este monte de fake news. As pessoas precisam se vacinar! E aí a gente começou a campanha de comunicação, entrávamos dentro das favelas.

A gente começou de boca a boca a avisar às pessoas sobre a importância de se vacinarem e terem seus filhos vacinados. E ao mesmo tempo a gente enfrentando o poder paralelo, que não queria que as pessoas se vacinassem e toda esta questão contra a ciência. A gente enfrentou o negacionismo com diversos projetos de comunicação. E aí a gente começou a acompanhar estas mulheres, estas famílias, em termos de saúde. A gente pode ver que, além da Zona Oeste ser a região com maior número de feminicídios, a gente chegou a ter 7 feminicídios em uma mesma semana, a gente também identificou a violência obs-tétrica.

**Pude acompanhar uma menina de 16 anos, eu vi essa menina ser torturada por um médico branco, quando toda a equipe de saúde decidiu que ela não poderia ser tocada sem uma anestesia, tamanha a dor que ela estava sentindo. Neste mesmo dia, uma outra criança preta tinha ingerido líquido amniótico e os médicos simplesmente não perceberam e devolveram a criança para a mãe. A criança quase veio a óbito. E aí a gente entende que o povo preto começa a sofrer o racismo no momento em que ele deveria ser recebido ao mundo com todo o amor, que é o momento de nascer e o momento de parir. Eu acho que ali é o momento que mostra o quanto a gente é humano com outro ser humano. A gente está recebendo aquele ser humano no mundo e a gente faz ele sofrer, sabe.**

A gente vê este tratamento diferenciado entre um bebê branco que nasce e um bebê preto que nasce. A gente tem avançado com estes mapeamentos. Dentro dos conselhos a gente não tem conseguido avançar nada.

A gente não tem a comissão antirracista, de questões raciais, quilombolas, registrada até hoje pelo presidente do conselho da AP4. As mulheres da Zona Oeste têm que atravessar a cidade para serem atendidas. Por exemplo, nós temos duas mulheres, uma faz fisioterapia. Você não pode mandar uma mulher de Vargem Grande para Bangu, para um tratamento simples. E a gente não consegue mudar isso, a gente não consegue dialogar isso dentro do conselho por que você coloca e: “ah, todo mundo vai.” Todo mundo quem? Às vezes a pessoa não tem o dinheiro da passagem para chegar no posto de saúde. Como a pessoa vai chegar em Bangu?

E aí a gente vê que a saúde da mulher preta está sendo negligenciada dentro do SUS. Então é mais ou menos isso que a Teia tem feito, estes mapeamentos, se inserir dentro dos movimentos, para que seja possível construir políticas públicas que mudem essa realidade da mulher preta dentro da Zona Oeste. E eu espero que eu tenha representado bem o meu coletivo, Dona Helen.



Foto: Fábio Monteiro



# MAURO FERREIRA,

Agente Comunitário de Saúde e morador da Rocinha.



Bom dia a todos, todas e todes.

É um prazer estar aqui com vocês na manhã deste dia, me sinto muito honrado pelo convite que me foi feito. Já tive aqui nesse auditório da UERJ algumas vezes, mas nunca pra palestrar, sempre pra ouvir palestrante.

Hoje eu fui convidado pra falar sobre assédio, **e é um tema chato de se falar porque quando a gente vai falar de assédio, a primeira coisa que eu imaginei, no caso, quando me falaram que eu poderia falar do tema era o seguinte: ‘será que eu vou tá empregado amanhã depois do que eu falar?’**

É importante que a galera que está chegando no mercado de trabalho pense sempre nisso, tem que ser atenta aos caminhos que os assediadores te levam. À priori, eu estaria falando de saúde como um todo, do território como agente de saúde, não sei se tem algum agente de saúde... tem algum agente de saúde aqui? Ah, que ótimo. Essa sala está cheia de agentes de saúde, devia estar lotada deles. No município nos somos mais de 4 mil. No estado do RJ, nós chegamos próximo dos 10 mil agentes de saúde ou mais, e seria muito importante tê-los aqui porque o agente de saúde, ele é a ponte entre toda a sociedade civil e o SUS.

O agente de saúde tem por atribuição estar dentro do território falando de saúde e encaminhando as pessoas, atualizando cadastro dessas pessoas, vendo as necessidades de saúde de cada uma dessas pessoas e por isso, seria muito bom se eles estivessem na manhã desse dia aqui. Eu sou agente de saúde na Rocinha desde 2015, tive o espaço interrompido naquela gestão do prefeito Crivella, que foi a pior coisa que aconteceu pro município do Rio de Janeiro. E eu aqui não estou falando do pastor Crivella, do homem Crivella, mas do prefeito Crivella, que foi o cara que precarizou, que destruiu o pouco que já tinha da saúde no município.

A minha fala hoje aqui não teria tanta relevância depois de tudo que já se foi dito pelas pessoas que compuseram as mesas. Cada fala muito interessante, muito potente, enquanto a senhora estava aqui fazendo o discurso, a Estrela, eu vi que a colega ali até se emocionou, chorou, porque realmente é isso que acontece, ela é negra periférica, pobre, quantos assédios ela não passou na vida? E no registro dela, ela fala do recreio, o que deveria ser o melhor horário, porque ali algumas diferenças ficavam visíveis. Olha só que coisa, o recreio que é um momento, principalmente pra nós que somos pobres, o recreio é muito importante porque, às vezes, é a refeição que nós vamos ter, mas pra ela era doloroso porque lá ela era uma outra referência. Ela gostava do momento das brincadeiras porque ali todo mundo é igual, mas quando acaba a brincadeira, nós somos pretos, nós temos cabelos duros, nós somos feios, nós somos indígenas, nós somos quilombolas, nós não somos iguais.

Eu li um texto de um escritor que diz que em 1500, havia mais de 6 milhões de indígenas e há 20 anos, eles eram menos de 1 milhão e 500 e agora em 2023, eles estão margeando ainda esse 1 milhão e meio, por aí. Assédio, agressão, violência, manipulação e aí, depois que se diminuiu, ou tentaram dizimar os índios, porque estão tentando até agora com essas PECs aí loucas. Depois que eles tiverem sido exitosos, quem serão os próximos? Serão os quilombolas? Serão os negros, os favelados, os LGBTQIA+?

É triste a gente ver que um profissional de saúde assedia outro, um profissional ou quem quer que ele seja, nós somos iguais. Na unidade em que eu trabalho, recentemente, a gente tem feito vários trabalhos lá, eu como agente de saúde, porque a prerrogativa é que é atribuição nossa criar ações individuais e coletivas no território e eu vendo a colega aqui falar do feminicídio, aí me ocorreu que **nós fizemos uma ação agora e eu não tive apoio nenhum da gestão da minha unidade pra reunir 56 homens pra falar sobre feminicídio e sobre violência contra as mulheres no dia. Foi um dia chuvoso, dos 56 que marcaram presença, 28 foram e 28 se comprometeram e entenderam o quanto machistas são e eles querem se desconstruir, querem entender o processo, querem mudar, mas não tem política pública pra isso.**

*Dias depois, houve a inauguração do CRAS lá da minha unidade e eu fui convidado pelo diretor do CRAS, e eu trabalhando no prédio, enquanto aguardava pra que ele chegasse, a minha enfermeira me proibiu de estar na porta do meu trabalho porque eu estava em escala de 9h da manhã e o pessoal da minha área não acorda 9h da manhã. A minha área é meio de condomínio, agente não tem como acessar nesse horário, e eu tendo me mantido firme dizendo que não ia naquele momento, que iria depois, ela chamou a gerente. A gerente veio lá de dentro e falou pra mim: ‘Você vai agora! Você vai agora! Você tem que ir agora! Você tem que estar no território, seu lugar não é aqui’. Eu falei: ‘Meu lugar é aqui, sim. Eu trabalho aqui’. O assédio é diário, ele é de cima pra baixo, ele é vertical, ele é horizontal, ele é diagonal e a gente tem que estar atento, a gente não pode deixar passar despercebido, a gente não pode abaixar a cabeça um minuto sequer. E é errado pensar que assediadores são só de direta, gente. Nós temos vários assediadores na esquerda, porque são cargos de confiança. Então, vamos atentar pra isso, vamos atentar pra que o assédio não chegue pra galera nova que está chegando aí. Não abaixar a cabeça nunca. Muito obrigado.*



Mônica Francisco

Foto: Fábio Monteiro



# MÔNICA FRANCISCO,

moradora do Borel, cientista social, pastora, feminista, militante dos direitos humanos, comunicadora popular, ex-deputada estadual eleita em 2018.



*Bom dia, muito bom ver esse aquilombamento nesse lugar aqui de resistência que é a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a universidade mais preta do estado. Então, celebrar este espaço. Alguém, acho que foi o companheiro indígena que hoje disse que isso aqui vira um templo, um templo e um quilombo de resistência. Isso é o quilombo, essa diversidade, resistência, organização da luta e pro enfrentamento da resistência do Estado.*

**O Estado brasileiro continua resistindo contra nós. A colonialidade com a sua cauda longa, costume dizer que é a cauda longa do colonialismo, da colonialidade, chega até a gente atualizando todos os dias os sistemas de opressão a partir do aparelho de Estado. Então, esse aquilombamento, nesse dia tão especial, já é um dia especial de retomada das conferências, da gente estar aqui dizendo nossos mantras, se reenergizando. Porque a gente dizia, estamos dizendo aqui, que a gente está pra celebrar, não pra lutar. Essa palavra precisa sair do nosso vocabulário, há anos que a gente está lutando, a gente ainda vai continuar lutando, porque a gente mantém o país, o estado, o município. A gente tem o sistema de saúde mais refinado do mundo, o melhor sistema de saúde do mundo, de uma alta complexidade.**

**Mas porque esse sistema não chega pra gente?**

*Bom, eu quero saudar a organização do evento, todas as entidades, instituições, organizações envolvidas, na figura do companheiro André Lima e da nossa companheira Patrícia Evangelista, que fizeram o convite pra eu estar nesta mesa tão especial, com nosso mestre Itamar, em quem a gente se referencia há muito tempo pra essa luta, com quem*

a gente aprende sempre e com essas lideranças, referências que aqui estão, cada uma fazendo um enfrentamento no seu local.

Eu sempre gosto de falar e fazer lembrança a uma frase escrita numa parede de um prédio em frente ao Tijução Shopping, ali na Praça Saens Peña, na Tijuca. Tá escrito lá: 'Sobreviver cansa'. E aí a gente sobrevive a tsunamis, terremotos, tiroteios... a situações extremas e pontuais. Só que a maioria do povo brasileiro sobrevive cotidianamente, isso já é um processo adoecedor.

A gente aqui ouviu falar do racismo, né? E obviamente quando a gente ouviu falar de saúde, eu fui lá olhar, sei que muita gente sabe disso, mas a gente precisa ouvir, falar e dizer as mesmas coisas, as mesmas verdades sempre, até que ela de fato seja efetivada. A Organização Mundial da Saúde define saúde como um estado completo de bem estar físico, mental, social e não somente ausência de enfermidades. Essa não é a nossa realidade, esta não é a realidade da maioria do povo brasileiro.

**O Brasil, que é terra indígena e quilombola, tem ainda na sua maioria social os efeitos da colonialidade. A elite brasileira é colonialista e ela utiliza da sua força, do seu poder econômico, do seu capital social, das suas relações, inclusive na suas relações intra-máquina do Estado pra continuar, apesar do Sistema Único de Saúde ser o grande ou a grande ferramenta de democratização, de fato, a partir da constituição de 88. Veja, não é à toa que ele está sempre sob ataque, porque é o instrumento, um dos maiores instrumentos da democracia brasileira.** A gente não pode esquecer isso, e que serve de contraponto à política eugenista no Brasil, que era constitucional. Eu falei isso essa semana no curso de formação de promotores populares de saúde. A nossa constituição indicava orientação, desde a mais tenra idade na educação básica, do embaquecimento do Brasil, do fim da população negra aqui. Então esse é um projeto muito complexo, muito poderoso. Nós precisamos, como eu disse, continuar falando nossos mantras, né? A gente precisa continuar falando nossos mantras: "Nada deles, tudo nosso", porque isso nos dá energia, nos dá força, nos deixa alerta, nos chama pra luta, nos lembra que a luta é coletiva (...) porque a gente está falando de uma conferência livre.



*Olha, as palavras, elas têm muita importância. Quando a gente coloca ‘conferência livre’, a gente tá falando pra gente mesmo que esta é uma livre organização daqueles e daquelas que são oprimidos, oprimidas, excluídos e excluídas. Nós somos excluídos e excluídas. A gente pode ter, de alguma forma, uma moradia; de alguma forma, acesso à alimentação, mas quando nós aproximamos, pegamos a lupa e olhamos de perto quem compõem a maioria social desse país Brasil, de 210 milhões de pessoas, metade deste país é preta e parda, né? A gente não vai nem entrar na história do colorismo aqui, mas a gente está com uma maioria social que é compreendida entre pretos e pardos e isto é um elemento importante.*

*Eu gosto sempre de lembrar de uma escritora estadunidense chamada Tony Morrison, eu gosto muito de lembrar dela porque ela fala do corpo negro e do corpo escravizado. E ela diz o seguinte, ela tá olhando pra sociedade norte-americana e ela está pensando: ‘caramba, por que, né? No auge da segregação, da luta pelos direitos civis, poxa, por que ainda com o fim do sistema escravista, a população negra ainda passa por processos tão difíceis, tão desafiadores, tanto violência?’ E ela olha: ‘nossa, todas sociedades do mundo escravizaram?’ Essa é a lógica, né? Inclusive, sociedades africanas, mas não era a escravização como a escravização moderna, com a brutalização dos corpos pretos, com a desumanização.*

A gente ouviu isso aqui. Em alguma medida, a gente ouviu falar aqui de desumanização, de categorizar um conjunto populacional como de segunda classe, como hierarquizar o acesso à saúde efetiva. Essa palavra foi dita aqui, “efetiva”, pela Day, se não me engano. Então, as perguntas ajudam a gente a pensar e a Tony tá dizendo o seguinte: ‘Por quê?’ ‘Por que o sistema escravista acabou, mas de forma atualizada, elaborada, o sistema ainda continua oprimindo essas pessoas? E ela vai pensar: ‘Bom, se toda sociedade no mundo escravizou, seja por despojo de guerra, seja por assimilação... os reinos que ganharam a batalha de outros reinos, o que acontece?’ E ela diz: ‘tem uma coisa que me chama atenção, e só pode ser isso, a cor da pele’. A cor da pele. **A cor da pele é o elemento principal no processo de organização do Estado e a gente não pode deixar de falar do racismo, desse sistema. O fascismo e o racismo servem ao capitalismo de maneira muito eficaz para oprimir, para subjugar e pra aniquilar. Então, a resistência, a luta precisam continuar. Precisamos nos aquilombar. Isso é aquilombamento, é organizar pra luta.**

Para terminar, a pergunta é: **Qual é a real situação das favelas e periferias hoje em um mundo pós pandêmico? Quais são as novas ou quais são as ameaças (ou as novas ameaças) e quais ameaças perduram ainda e se intensificam ou se agravam ou aprofundam.**

**Qual é a condição das juventudes mais vulneráveis?**

Aqui se falou de PCDs, de autistas, enfim, aqui, a gente ouviu falar dos mais vulneráveis, dos vulnerabilizados, como eu gosto de dizer, porque não são vulneráveis; são vulnerabilizados a partir de políticas públicas que organizam a sociedade para vulnerabilizar um conjunto populacional específico que no Brasil é a maioria social. E qual é a condição das juventudes mais vulneráveis, ou seríamos todos nós, em alguma medida, vulneráveis nesse processo? Inclusive aqueles que se colocam ao lado das lutas. E se a gente for pensar nos temas que a gente precisa pensar de acordo com o que a OMS diz, que a gente leu no início, pensando na questão urbana, a questão do trabalho e renda, a questão da segurança, nós temos um estado que organiza o seu orçamento com o terceiro maior orçamento pra ostensividade e confronto. São 12 bilhões de reais no estado do Rio de Janeiro pra comprar arma de guerra, pra irrigar indústria bélica e pra matar

*peças em extrema vulnerabilidade. Moradia, lazer, felicidade... a gente precisa reivindicar que a gente quer ser feliz. Eu só quero ser feliz e andar tranquilamente na favela em que eu nasci”. Muito bem! Seguridade social, aqui se falou, vamos ficar idosos, temos os nossos idosos. Pra nós que nos aquilombamos, as pessoas velhas não são um peso, elas são guardiãs da sabedoria, do conhecimento das ervas. O SUS pra nós que somos mais velhos, quer dizer, jovens há mais tempo, né Darcília, as ervas eram o nosso SUS.*

*Cultura, mudanças ou emergências climáticas, acesso à cidade, mobilidade urbana. Professor Júlio Vargas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul diz que o padrão de mobilidade urbana influencia na qualidade de vida, na saúde física e mental e até diminui o custo de tratamento de saúde, pois previne casos de obesidade e diabetes. Se a gente tem uma mobilidade urbana boa, a gente tem saúde.*

*E pra finalizar mesmo, não estou enrolando, saneamento, redução real de risco. A gente não quer só ouvir reduzir risco, a gente quer redução real de risco à saúde física e mental, seria esse o maior projeto de vida. Finalizando, a gente teve o Cidade Integrada, que a gente não pode deixar de falar dele porque ele também tinha como projeto irrigar as comunidades terapêuticas e debilitar os CAPS, CAPSad, CAPSi e tudo mais, então tinha um projeto, tem um projeto que destina 500 milhões para o Cidade Integrada, sendo que seria 123 milhões para a moradia, 30 milhões para fomento e micro crédito. Só que não. Ficou a ostensividade e o confronto com o batalhão de operação especial na favela do jacarezinho. Obrigada, bom dia.*



Itamar Silva

Foto: Fábio Monteiro



# ITAMAR SILVA,

morador do Santa Marta, militante do movimento de favelas e coordenador do Grupo Eco.



*Bom dia, boa tarde, não sei, a todas e todos. Eu quero, primeiro, agradecer à comissão organizadora da Conferência pelo convite, mas também fazer um protesto: me deixar por último, depois dessas falas tão impressionantes e da Mônica, principalmente, aí eu penso: o que eu vou falar? Não é? Enfim, é um prazer enorme estar aqui e encontrar as pessoas. Eu estava com saudades desses encontros físicos e diretos e com saudades de conferências.*

*Nós que acompanhamos grandes conferências ao longo da história, nos últimos 30, 40 anos, eu estava sentindo falta disso. Mas, assim, eu quero antes de tudo dizer que eu fiquei muito emocionado com a abertura da conferência. Eu acho que a gente foi brindado, primeiro por uma mesa de abertura e eu vou fazer destaque à mesa de abertura porque ela trouxe um misto né? Pessoas com muita experiência, pessoas com chão nessa luta da saúde, mas também trouxe a juventude, trouxe olhares novos, coletivos novos, colocando, se colocando nessa disputa, acho que isso foi importante. Depois, aqui entram as Mariamas que tiram a gente do chão, literalmente, e mostra pra gente que a luta se faz com festa, se faz com dança, se faz com amor, se faz com empatia e quando a gente estabelece essa relação, a luta fica mais leve. E depois, a gente tem aqui Carolina de Jesus, com Conceição Evaristo, e me chega aqui Celeste Estrela, que confesso que chorei. Chorei de emoção, porque eu acho que a gente batalha muito por essa (figura) da Carolina de Jesus que foi uma escritora negra que abriu (caminhos), tá botando essa marca, essa disputa que a gente está fazendo. A gente acompanha agora a Conceição Evaristo fazendo também esse papel impressionante. Mas Celeste, você está nesse mesmo patamar, está nesse patamar pela trajetória, pela emoção.*

*Agora, eu fui chamado aqui e me deram um tema, né: “Racismo Ambiental, mudanças climáticas e saúde”. Eu sou meio obediente, então*

eu fiquei pensando sobre isso, o que isso tem a ver conosco e como a gente trata esses temas. Então, é muito importante a gente pensar que esses conceitos, o racismo ambiental e que a gente movimenta aqui, o movimento de justiça ambiental e a rede de justiça ambiental têm um papel muito importante. Ele é um conceito importado dos EUA, mas aqui ele ganha brasilidade, ele ganha a nossa cara e a gente vai enfrentar.

Acho que é importante a gente lidar com esses conceitos, a partir da nossa realidade.

**Então, quando tem racismo ambiental, a gente pode tranquilamente pensar em nossas favelas, nas nossas periferias e como é que a gente convive há anos com essa dificuldade de sobreviver. Sobreviver à essa falta de direito nos lugares em que a urbanidade custa a chegar, onde o direito social custa a chegar e onde a gente tem que lutar o tempo inteiro.**

A Mônica citou uma frase: “Sobreviver cansa”, mas quando a gente resiste, a gente tem a Estrela, a gente viu aqui no palco, na prática como é que a resistência ao racismo, ao preconceito e à dificuldade, te impõe, te empodera de tal forma que, quando você está aqui no palco, não tem jeito. Quando dá espaço pra gente, a gente vai lá e faz acontecer. Por que eu estou citando e fazendo esse paralelo? Porque tem a ver com a dinâmica da conferência e esta conferência em específico. **Eu acho que a gente está assistindo agora, eu acompanhei algumas conferências que aconteceram por aí e a centralidade das favelas e das periferias, ela está dada.** É fundamental. E tem uma brecha neste governo que diz que quer que esta centralidade se transforme em políticas públicas, então este é o desafio.

**Como é que a centralidade das favelas e das periferias consegue exatamente efetivar, incidir sobre o sistema, com capacidade pra gente produzir efeito que tenha consequência na ponta. Esse é nosso desafio.**

*Quando a gente pensa na 8ª Conferência de Saúde, e aí os mais velhos... vi Lúcia aqui, que é batalhadora do movimento de defesa dessa conferência, e a gente conquista ali naquela conferência. O SUS nasce naquele momento. Eu estou falando de 1986, a 8ª Conferência de Saúde, onde você consegue construir e dar voz pra um movimento sanitarista que estava acontecendo muito fortemente. Então, aí neste momento, a gente conseguiu cunhar o que depois vai entrar na constituição, que depois vira os SUS.*

*A gente está em uma conjuntura com diferenças enormes, mas que está nos desafiando também. A gente tem um SUS sucateado, solapado e ameaçado o tempo inteiro, o tempo inteiro, por uma dinâmica particularista de planos de saúde, de uma elite que não quer que essa bandeira siga a frente, então a gente tem isso. A gente tem um momento em que o movimento social, e aí com destaque para as mulheres que realmente é fantástico, a gente está nessa conjuntura com esse empoderamento, as mulheres fazendo-se ouvir e botando o pé na porta e dizendo: nada sem a gente, então a gente vai realmente mais a frente. Mas isso só não basta, isso só não basta.*

*A gente precisa fazer uma articulação muito mais importante para que a gente possa ser capaz de não deixar, primeiro, retroagir aquilo que a gente já conquistou e a gente poder avançar. Porque o desafio está dado, um congresso que se a gente fechar os olhos, a gente vai voltar 20, 30 anos atrás. Então, a gente precisa estar atento a isso. E aí, a saúde, ela é essa bandeira que permite a gente articular com as várias pontas dos desafios sociais que nós temos. A Mônica trouxe aqui o conceito da Organização Mundial da Saúde, de que saúde não é só falta de doença, não é só a presença da doença. Mas, a saúde é exatamente um bem-estar social, uma qualidade de vida que envolve a questão da moradia, a questão do transporte, a questão um pouco do atendimento que você tem que ter.*

*Então, assim, eu acho que a gente está num momento muito particular em que as mudanças climáticas que durante muito tempo, nós pobres, nós de favela achávamos que não tínhamos nada a ver com isso, a gente não entrava nisso antes porque havia os eventos extremos, chuva temporal... a gente dizia que era da natureza. Claro, é da natureza, mas tem alguma coisa que a gente sofre mais, né? Quem é que mais morre? Onde é que as inundações pegam? As inundações derrubam que casas? Os temporais derrubam que casas? Então, quais são as consequências desses eventos extremos que acontecem nesse cotidiano?*

*Eu acho que racismo ambiental e mudanças climáticas se articulam na realidade, se articulam no nosso cotidiano e isso que é importante, que nesse momento da saúde, dessa conferência, a gente consiga dar centralidade para as favelas e periferias, mas também dar centralidade para essas questões, essas abordagens são potentes e permitem a gente disputar os argumentos da atualidade. Então, a gente pode entrar em qualquer sala em que está se discutindo mudanças climáticas, qualquer abordagem, mas a gente traz a nossa realidade, traz as consequências que a gente vem sofrendo e em que disputa que a gente quer estar. Então, assim, eu acho que esse é o recado que a gente tem que dar pra essa conferência e muito obrigado.*



# INTERVENÇÕES DA PLENÁRIA



Foto: Fábio Monteiro

## **INTERVENÇÃO – NÃO FOI POSSÍVEL IDENTIFICAR O NOME DA PESSOA.**

*“(...) ações disfarçadas na Zona Sul? Coloca ações disfarçadas dentro das favelas. Por que? Porque dentro das favelas geralmente não tem pessoas que sabem o que significa o racismo ambiental. Vou dar um exemplo: Tivemos no governo Cabral uma piscina que o nosso, brilhantemente, presidente Lula deu essa incumbência pro Cabral, ele colocou essa piscina dentro de um colégio que o dinheiro público não garantia aquela manutenção e agora veio novamente servindo de palanque pro governo que colocou de novo naquela favela, naquele mesmo espaço; limpou a piscina, colocou fortunas em cima e agora novamente foi tirado. Vai virar criadouro de dengue novamente. Isso é só um pequeno exemplo de racismo ambiental. Colocou dentro da favela, serviu de palanque e agora tirou e a gente vai continuar sendo vítima do Estado. É isso que eu peço. Tem muita coisa pra falar, mas tem muita gente. Obrigada.”*

## **INTERVENÇÃO – LOUISE SILVA, COMITÊ TÉCNICO DE SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.**

*“Bom dia. Eu sou Louise Silva, do Comitê Técnico de Saúde da População Negra da cidade do Rio de Janeiro e vim só informar à essa plenária que em dezembro de 2022, foi aprovada pelo Câmara Municipal do RJ a lei que cria, que obriga a cidade do Rio de Janeiro a criar a política municipal de saúde integral da população negra. É a lei 7.749 de 26 de dezembro de 2022, e eu venho trazer este informe a vocês e pedir que os residentes da cidade do Rio de Janeiro provoquem a secretaria municipal de saúde, na direção de implantar esta política e cumprir esta lei. Essa é uma lei que tem por obrigação, no seu texto ela obriga o executivo a ter órgão consultivo à sociedade civil. Eu quero pedir apoio aos cidadãos da cidade do Rio de Janeiro, que cobrem do secretário a implantação dessa política”.*

## **INTERVENÇÃO – NÃO FOI POSSÍVEL IDENTIFICAR O NOME DA PESSOA.**

*“Eu moro favela do Alemão, lá eu atuo em várias frentes, então, o que a gente está fazendo aqui hoje foi uma luta, foram vários encontros para encontrar esse espaço. Antes, a gente já teve uma outra conferência livre também, que foi muito importante, sempre com esse tema favela, periferia. O que a gente faz hoje aqui não é inventar a roda, é mostrar a importância da luta, da resistência e da persistência da favela a favor da democracia. Então, enquanto pessoa, enquanto cidadão, enquanto cidadã, a gente precisa lutar e ocupar espaços como esse. Esse é o nosso papel hoje aqui: É ocupar o espaço, falar e fazer com que as nossas vozes sejam respeitadas e sejam escutadas, é isso que a democracia faz. Então, a síntese maior disso tudo aqui, desse resumo todo: a gente precisa entender que a gente precisa ocupar esse espaço, fazer valer nossos direitos. Não é à toa que a gente está aqui hoje, no espaço de uma universidade pública com várias pessoas dialogando e falando, falando sobre a nossa constituição, sobre nosso direito de viver, principalmente quem mora em favela que vive todo dia uma operação policial, quase todo dia, e que vive com um fuzil apontado pra cabeça. E um fuzil do Estado, porque ele que procura isso. Então, a gente precisa falar sobre essa saúde. E enquanto a gente não cuidar da saúde através do direito de segurança pública, a gente não vai conquistar esse espaço que é signo de quem mora na favela porque é a gente que paga pra ter essa Saúde e dizer realmente que saúde não é mercadoria. É pra isso que a gente está aqui lutando e dividindo com vocês a nossa luta lá atrás desde a constituição dessa conferência. É isso, a favela precisa levantar a cabeça e dizer na cara do político que está lá que a gente precisa de uma política pública de segurança verídica, não esse enfrentamento que a gente sofre e eliminando o que é de saúde. A gente não precisa só de cuidar de doença, a gente precisa promover e prevenir, e não fazer o que acontece hoje, o que a gente sofre nos territórios favelizados, com a saúde precarizada, com a clínica da família que nem abre em dia de operação e evita prevenir e promover saúde.”*

## **INTERVENÇÃO – PATRÍCIA EVANGELISTA**

*“Me chamo Patrícia, mora na comunidade de Manguinhos. Nascida e criada naquela favela onde eu tenho orgulho de ser, ainda quero ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci. Pra juntar a voz e a moção da companheira, levantada pela companheira Elza aqui, a Organização Mulheres de Atitude da qual eu faço parte, Marielle também foi fundadora, traz uma moção pra falar sobre o racismo e exaltar a atitude da companheira Soninha.*

*O racismo estrutural que existe na sociedade brasileira violenta todos os dias a população negra em diferentes momentos. Infelizmente, durante a 9ª Conferência Estadual de Saúde, que aconteceu nesta casa, na UERJ, no último dia 25, uma mulher sofreu racismo pelo presidente da A.P.4.O. O nome dela é Sônia Nascimento e o homem que teve a postura racista se chama Cláudio Maciel Pinheiro, que deve ser eliminado da Saúde, um homem desse não pode ficar a frente da Saúde. Ele disse que não gostava de ouvir negro falar. Preferia, sim, ouvir um branco, pois os negros não tinham competência ou condições de falar sobre o assunto da saúde abordado nas Conferências. Deveria estar aqui hoje, não é? Hoje ele ia encontrar o que ele queria. Por isso, se faz importante uma conferência livre de favelados e periféricos que garantam um espaço seguro para a participação da população negra que é a mais vulnerabilizada neste país, que garanta a voz de todas, todes e todos. A Organização Mulheres de Atitude se coloca frente à essa luta, na defesa da democracia participativa e inclusiva, onde todas as pessoas tenham os seus direitos assegurados, sobretudo, aquelas que vivem e trabalham em territórios de favela e periferia, que na grande maioria, somos nós mulheres negras.*

*Essa conferência, como disse outros companheiros aqui, foi feita a muitas mãos, de mulheres e homens que acreditam na democracia, acreditam num espaço participativo e inclusivo. Essa conferência nos traz hoje pra falar das realidades das nossas favelas e das nossas periferias do Rio de Janeiro. Embora, vivemos com tantos olhares de pro-*

blemas, nós viemos aqui dizer que não queremos discriminar as nossas favelas. Nós queremos, sim, o cuidado com aqueles que vivem nesses territórios e identificar cada potencialidade que existe nessas favelas e periferias. Através da juventude, dos idosos e das crianças que muitas das vezes ensinam o que aprendem nas escolas. Através das mulheres que enfrentam a fome e o frio e, até mesmo, a bala, para defender os seus. E para enfrentar as diversas violências e violações nas nossas favelas e periferias, nos reunimos aqui para lutar por direito, respeito e visibilidade pros cidadãos e cidadãs que moram nesses espaços.

***Nessa conferência nos juntamos para repudiar todas as formas de violência: repudiamos ao racismo que vivenciamos no dia-a-dia, repudiamos o extermínio da nossa juventude negra, repudiamos ao feminicídio enfrentado pelas nossas mulheres e multiplicado nos últimos anos. Nos reunimos para exigir políticas públicas eficazes para o povo favelado e periférico, onde essas políticas garantam a integralidade e a qualidade da vida dessa população. Nessa conferência, afirmamos que queremos um SUS pleno, sólido e na sua integralidade para todos, todas e todes. Viva o SUS!”***

Foto: Fábio Monteiro



Foto: Fábio Monteiro



Foto: Fábio Monteiro



Foto: Fábio Monteiro



Foto: Fábio Monteiro



Foto: Fábio Monteiro



## **INTERVENÇÃO – LAURA TORRES, ESPAÇO GAIA/SÃO GONÇALO**

### **O genocídio da população negra começa no ventre** (texto lido durante as intervenções da plenária)

*O genocídio da população negra possui diversas maneiras de ser praticado, seja através da violência policial, seja através do racismo sistêmico que atravessa nossos corpos diariamente, nos impedindo de acessar espaços e locais de tomada de decisão.*

*Uma das maiores facetas da violência do estado contra nossos corpos é a violência obstétrica que afeta de forma expressiva os corpos das mulheres negras e também tem ligação com o sistema patriarcal em que estamos inseridas. A falta de investimento na qualificação do pré-natal, do parto e do pós parto, as manobras violentas praticadas contra os corpos femininos negros e a negligência no oferecimento de alívio da dor diante do estereótipo que somos mais fortes e suportamos mais a dor... tudo isso causa a morte de mulheres negras em todo o Brasil, mortes essas que em sua maioria acontecem por situações evitáveis.*

*Na cidade do Rio de Janeiro, de acordo com o painel EpiRio, da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), o aumento foi de 80,97 mortes para cada 100 mil nascidos vivos em 2019 para 153,4 em 2021. O crescimento foi ainda mais acentuado em municípios com menor índice de desenvolvimento humano, como aponta o Tabnet. Em Duque de Caxias, subiu de 97,9 para 267,5 no mesmo período. Já em São Gonçalo, foi de 67,1 para 213,1. Trazendo inclusive o dado de 50 óbitos neonatais em apenas 6 meses no ano de 2022.*

*Diante desse cenário, nasce o Espaço Gaia que tem como foco de atuação principal a redução dos índices de violência de gênero com o recorte para a violência obstétrica no território que funcionava um do antigo lixão no bairro de Itaoca, que fica em São Gonçalo.*

*Atuamos no território através de rodas de conversa a fim de conscientizar a população acerca da violência obstétrica, formas de prevenção e formação política com intuito de emancipar os corpos dessas mulheres através da informação e acolhimento.*

*Por isso, desenvolvemos a cartilha da menarca a gestação, explicando os termos e as práticas de violência obstétrica e os canais de denúncia para que essas mulheres possam não apenas saber sobre as violências que são cometidas, mas também onde elas podem denunciá-las.*

## **Moção de Repúdio aprovada pela Conferência Livre de Saúde das Favelas e Periferias da Região Metropolitana do Rio de Janeiro contra o racismo perpetrado na Conferência Estadual de Saúde, realizada na UERJ, no sábado, 27/05/2023.**

---

Nós, os participantes da Conferência Livre de Saúde das Favelas e Periferias, encaminhamos a este plenário esta moção de repúdio e indignação, contra o ato de racismo sofrido pela conselheira de saúde da AP 5.0, Zona Oete do Rio de Janeiro, Soninha Nascimento, através da pessoa do Sr. Cláudio Manoel Teixeira, que não gostou da intervenção da companheira Soninha em sua fala, ao apontar que não se sentia representada pelos debatedores que compunham a mesa da Conferência. Ali ela não via representatividade da saúde da população negra, a assistência e a população em sua vulnerabilidade, após a sua fala, a companheira soninha e toda a plenária ouviram em alto e bom som o Sr. Cláudio Manoel dizer que não gostava de ouvir um negro falar, preferia sim ouvir um branco, pois os negros não tinham competência ou condições de falar sobre o assunto de saúde abordado na Conferência.

Essa fala indignou a todos os participantes da Conferência, pois a reiterou com firmeza em sua posição racista. A Polícia Militar foi chamada e foi feito um boletim de ocorrência para o registro do crime de racismo. Lamentavelmente, antes da chegada da polícia, este Sr. Se evadiu do local da Conferência e ainda proferiu ameaças contra a companheira Soninha e os demais presentes.

- Nós repudiamos essa atitude racista em todas as instâncias da Conferência.
- Exigimos a representatividade de mulheres negras nas mesas e nas demais posições na 17ª Conferência Nacional de Saúde a ser realizada, incluindo essa presença na Relatoria.
- Exigimos imediatamente que o racista Cláudio Maciel seja urgentemente exonerado da função de presidente da AP 4.0 Zona Oeste, pois o mesmo não demonstra ter condições de atender as necessidades da saúde dessa região da Baixada de Jacarepaguá, Jacarepaguá, Recreio dos Bandeirantes e toda região que abriga a população favelada, quilombola e periférica.

Assinam essa moção os participantes  
dessa Conferência Livre, realizada hoje,  
**sábado, 03 de junho de 2023,**  
no auditório da UERJ.

# EXPEDIENTE

## Elaboração

### Cooperação Social da Fiocruz

André Lima

Fábio Araújo

José Leonídio Madureira

Mariane Martins

### Ensp | Fiocruz

Roberta Gondim

### EPSJV | Fiocruz

Carlos Eduardo Batistella

## Coordenação Editorial e Preparação do Material

Fábio Araújo

## Transcrição

Ana Carolina Fernandes Santana

Taís de Amorim

## Revisão

Fábio Araújo

Luiza Gomes

## Projeto Gráfico

Mariane Martins

## Diagramação

Paulo Roberto de Oliveira Ribeiro

## Equipe Radar Saúde Favela

Ana Carolina Fernandes Santana

Cinthia Marcelino Martins

Fábio Araújo

Fábio Mallart

Luciene Silva

Mariane Martins

Paulo Roberto Ribeiro

Taís de Amorim

